

CRÔNICA DA VERDADE

Minha Tesoura Vitry

Minha velha e eterna companheira – você apareceu um dia. Quanto tempo é passado! Trazida pelas mãos do Mestre e amigo, Leão Carvalho, para ser trocada por alguns Milrêis, ali a Av. Jerônimo Monteiro, Nº 69 – 2º andar durante trinta e nove anos fomos constante em nossa vida profissional, que nas alegrias e mesmo nos momentos de tristeza, apesar de nosso conhecimento anterior, você pertencia ao Mestre Paiva (a quem muito devo e sou grato em face de sua formação moral) Tio do Sr. Leão Carvalho – assim pudemos realizar nosso sonho em aquela tenda de trabalho, onde tudo ficou sepultado como em um túmulo. Depois de termos plantado a árvore da amizade. Hoje aposentado eu e você, continuamos lado a lado, lembrando nosso passado a luta pelo Pão de dia a dia obedecendo os traços, quanto você contribuiu para realizarmos o nosso sonho – construindo a nossa vida...

DEPOIS DE VENCER ESSAS DISTÂNCIAS,
NÃO SINTO MINHAS MÃOS CALEJADAS:
OS PÉS, ESTES SIM, ANDARAM TANTO,
E, SANGRANDO, PONTILHARAM AS ESTRADAS.

Com sua ajuda: Formamos um médico, uma professora e de quantos amigos amenizamos seus sofrimentos!

Sem essa dedicação nada teríamos realizado.

Com que carinho a vejo hoje em seu canto, que não é um canto de desprezo, e, sim o canto da razão de um direito do serviço prestado a um Artista, a uma família, e porque não a coletividade...

Sua colaboração foi valiosa, durante esses anos em que fomos companheiros, e por tudo de bom minha tesoura, eternamente sou-lhe grato, muitas vezes grato.

José Hygino de Oliveira - Taneco

Projeto de real importância para nossa Capital: VITÓRIA DO FUTURO.

A Prefeitura de Vitória, sua Companhia de Desenvolvimento (CDV) e a Companhia Siderúrgica do Tubarão, realizaram de fevereiro a julho do corrente ano, uma pesquisa da mais alta envergadura, subordinada ao tema: VITÓRIA DO FUTURO.

Foram seis meses de muito trabalho com o objetivo de "identificar as ações de caráter preventivo e corretivo que deverão ser introduzidas no espaço urbano e nos campos sócio-econômico, cultural e recreativo, para assegurar que o futuro de Vitória seja aquele que atenda aos anseios de sua população".

O projeto foi executado por equipe técnica do mais alto nível, auxiliada por um Conselho Municipal, a que o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO se aliou, através do Conselheiro, nosso Presidente de Honra, Ormando Moraes.

Foi elaborado diagnóstico prévio, assim como foram montados vários cenários e feito um planejamento estratégico, com projetos para a cidade que, se executados vão aumentar a nossa possibilidade de crescimento harmônico até o ano 2010.

Ao avaliar o projeto, o Prefeito Paulo Hartung assinalou que "Vitória do Futuro vai identificar os nossos problemas e indicar ações para corrigi-los. É um projeto de cidadania pois prevê a consolidação do crescimento econômico e da geração de empregos e renda, sem abrir mão de nossa maior conquista, a qualidade de vida."

O IHGES, dentro de sua missão de preservar a documentação de nossa terra, e como prova de sua adesão integral ao projeto, pretende divulgar em sua Revista o planejamento estratégico e projetos que resultarem desta importante realização municipal.

OS 80 ANOS DO INSTITUTO

Orlando de Moraes

Autoridades presentes:
Sras. e Srs.:

Nascido por acaso aqui em Vitória, visto que minha família é toda do Sul do Espírito Santo (de Cachoeiro, de Castelo, de Muniz Freire) e meus pais por aqui passaram algum tempo por interesses profissionais, eu contava com apenas 9 meses de idade, quando, a 12 de junho de 1916, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

A iniciativa foi de um grupo da elite intelectual da época, constituído de professores, escritores, advogados, médicos, religiosos, altos funcionários e amantes da história e da geografia, com apoio do Governo do Estado, que, naquela data se reuniram numa das salas do Poder Legislativo Estadual e se tornaram seus fundadores, cujos nomes faço questão de citar um a um, porque devem ter descendentes aqui em Vitória ainda hoje, a saber: Antonio Francisco de Athayde, Carlos Xavier Pais Barreto, Archimino Martins de Mattos, Marcondes Alves de Souza Junior, Manoel dos Santos Neves, Anésio Augusto Serrano, Francisco de Paula Wanderley, Afonso Cláudio, Arthur de Araújo Primo, José Bernardino de Alves Junior, J. J. Bernardes Sobrinho, José Espíndula Batalha Ribeiro, Henrique O' Reilly de Souza, Padre Elias Tomazzi, Padre Camilo Loureiro, José Sette, Aristides Freire, Adolpho Fernandes de Oliveira, Francisco Loureiro, Alonso Fernandes de Oliveira, Antonio Martins Pimentel, Eduardo Andrade Silva, Arnulpho Mattos, Amancio Pereira, João Lordelo dos Santos, Antonio Sierra, Luiz Jouffroy, Antonio Aguirre, Targino Neves, Henrique Novais, Deocleciano Oliveira, Carlos Sá, Francisco Rufino, João Manoel de Carvalho, João Bernardino Alves, Manoel Xavier Pais Barreto, Luiz Fraga, Aristides Silva Santos, João Calmon Adnet e Arthur Brandão.

Aclamado orador, o Dr. Carlos Xavier Pais Barreto pronunciou eloquente discurso, destacando o valor da iniciativa que tinha e sempre teve como objetivo principal a preservação da história e da geografia do Espírito Santo e enaltecendo também a figura histórica de Domingos Martins, escolhido patrono da nova Instituição.

Além de vários outros assuntos debatidos na ocasião, foi eleita uma diretoria provisória, composta pelos próprios idealizadores da nova Instituição, constituindo-se também uma comissão para elaboração dos Estatutos e foi marcado o dia

14 do mês seguinte para nova reunião.

Entretanto, a primeira diretoria definitiva somente foi eleita em 29 de abril de 1917 e ficou assim constituída: presidente Dr. Antonio Francisco de Athayde; 1º vice-presidente, Dr. Ubaldo Ramalheira Maia; 2º vice-presidente, Dr. Arthur de Araújo Primo, 3º vice-presidente, Padre Elias Tomazzi, 1º secretário, Dr. Antonio de Azevedo Pimentel; 2º secretário, Professor Adolpho Fernandes de Oliveira; Orador, Dr. Carlos Xavier Pais Barreto e Tesoureiro, Prof. Arnulpho Mattos.

Em todos estes anos, o Instituto Histórico e Geográfico teve participação marcante na vida cultural do Estado: em 1917 começou a editar a Revista anual, que hoje é bianual, com matérias de reconhecido valor histórico e científico, atualmente edita também um "Boletim Informativo" trimestral, que está ganhando boa aceitação, no último ano de nossa gestão realizou numerosos debates, seminários, palestras, mesas redondas, editou vários livros e mantém a "Coleção Cadernos" com trabalhos de seus sócios e, além de ser a mais antiga, sem nenhum favor, é considerada a entidade cultural mais atuante do Espírito Santo.

Como dissemos, é longa a obra e são muitos os trabalhos realizados pelo Instituto Histórico e Geográfico, porém, sem dúvida, o mais importante foi o de representar e defender os interesses do Espírito Santo na questão de limites com Minas Gerais e Bahia.

Senhoras e Senhores:

A geografia é a ciência que descreve nossos acidentes e nos indica os limites de nosso território, enquanto a História é uma grande mestra, que nos transmite as mais valiosas lições deixadas por nossos antepassados, sobre os mais variados setores da atividade humana e que nunca devem ser desprezados.

Na presidência do Instituto e em outros cargos de sua diretoria figuraram muitos elementos de valor, entre os quais relembro os já citados fundadores, assim como os nomes de Heráclito Amancio Pereira, Alarico de Freitas, Nelson Abel de Almeida, Alberto Stange Junior, Manoel Xavier Pais Barreto, Placidino Passos, Elmo Elton Zamprogno, Nilo Martins da Cunha, Francisco Schwartz, Hermógenes Lima Fonseca, todos já falecidos e aos quais rendemos nossas homenagens e mais os de Américo Poli Monjardim, Carlos Teixeira de Campos, Renato Costa Pacheco, nossos conselheiros, e ainda Gabriel Augusto Bittencourt, Fernando Achiamé, Reinaldo Santos Neves, José Garajau da Silva, Léa Brígida Alvarenga Rosa, José Higinio de Oliveira, Neida Lucia de Moraes, Aylton Rocha

Bermudes, Miguel Depes Tallon, João Bonino Moreira, Victor Biasutti, Christiano Woelfel Fraga, Mario Bonzano Yvonne Amorim, Francisco Aurélio Ribeiro, Argentina Tristão, Paulo Stuck de Moraes, Marien Calixte, Job Pimentel, Sebastião Sobreira, Armando Marques Vieira, Ricardo Brunow Costa, Irysson da Silva, Maria José Salles de Sá, Tania Zanotti, Humberto Del Maestro, Domingos Azevedo, Hércules Dutra Campos, Ivantir Borgo, Joaquim Beato, José Paulo de Souza Filho, Paulo Hartung, Jorge Alencar, Luzia Toledo, Berredo de Menezes, Rogério Medeiros, Romulo Salles de Sá, Valsena Rodrigues da Costa, Willis Faria, Windsor Calmon Fernandes, Arlete Cypreste, José Tristão Fernandes, Marta Zorzal e Silva, Máximo Borgo e muitos outros.

Há alguns anos, por consenso geral dos sócios, conselheiros e diretores, o Instituto vinha adotando o critério de, com a conclusão do mandato do presidente, submeter à Assembléia o acesso dos principais diretores, pela ordem de sua colocação no quadro. Entretanto, este ano, uma corrente de prestígio (sem minha participação) resolveu alterar os critérios até então adotados, admitindo para cargos importantes candidatos fora da sequência antes seguida. Em mais de uma reunião da Diretoria aberta aos sócios, sugeri o registro de novas chapas, abertas a todos os sócios, com seus direitos em dia, porém não obtive êxito, de sorte que me rendi à idéia vencedora, embora menos democrática, mas consagrada pela Assembléia, que é soberana.

Nesta solenidade comemorativa dos 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, eu, que nasci mais ou menos na mesma época, sinto-me muitíssimo honrado por ter ocupado sua presidência nos últimos três anos e que, neste momento passo ao Professor Miguel Depes Tallon, augurando-lhe feliz administração e enaltecendo o trabalho de todos os diretores que comigo colaboraram, isto é, o próprio Miguel e mais Léia Brígida de Alvarenga Rosa, José Higinio de Oliveira, José Paulo de Souza Filho, José Garajau da Silva, Vitor Biasutti, João Bonino Moreira, Paulo Stuck de Moraes, Maria José Salles de Sá, Tânia Zanotti, Aylton Rocha Bermudes, Neida Lucia de Moraes, Marien Calixte e Renato Pacheco.

Ao professor Miguel, portanto, as chaves desta casa de Domingos Martins, com votos de sucesso em sua administração.

Tenho dito.

Vitória, 12 de junho de 1996.

Expediente

DIRETORIA 1996 - 1999

Presidente - Miguel Depes Tallon
1º Vice-Presidente - Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa
2º Vice-Presidente - José Garajau da Silva
3º Vice-Presidente - Anibal de Athayde Lima
4º Vice-Presidente - Christiano Woelfel Fraga
Secretário - Victor Biasutti
Tesoureiro Geral - João Bonino Moreira
Tesoureiro Adjunto - Paulo Stuck Moraes
Oradores - Aylton Rocha Bermudes, Neida Lúcia Moraes, José Paulo de Souza Filho
Relações Públicas - Windsor Calmon Fernandes
Grandes Conselheiros com status de presidente de honra - Adelpho Poli Monjardim, Carlos Teixeira de Campos, Renato José Costa Pacheco e Orlando de Moraes.
Curadora da Casa Elmo Elton: Maria José Salles de Sá

Informativo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Editor: Marien Calixte

Comissão: Irysson da Silva, Renato Pacheco, José Hygino de Oliveira, Francisco Aurélio Ribeiro e Anésio Otto Fiedler.

Editoração e Impressão: Gráfica Fontana Ltda.

Tel.: (027) 223-6013

Um curso de folclore, no Instituto

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a par de pugnar pela defesa de nosso patrimônio paisagístico e pela preservação de nosso patrimônio paisagístico e pela preservação de nosso patrimônio histórico, sempre tem lutado em prol das manifestações de nossa cultura popular, como o comprovam inúmeros trabalhos publicados em sua Revista, e cursos de formação de pesquisadores do folclore, ministrados em sua sede.

Em 1991, de março a junho, num total de 60 horas de aulas, realizou-se o último destes cursos, ministrados pelos consórcios Hermógenes Lima Fonseca e Renato Pacheco.

As aulas eram dadas, às quartas feiras, depois da sessão da diretoria, de 18 às 20 horas, em nossa sede, e se estenderam de 6 de março a 26 de junho.

A matéria foi desenvolvida dentro do seguinte programa:

1 - A palavra folclore. Teorias do folclore. O folclore no quadro geral das ciências e humanidades. O folclore no Brasil - 4 horas.

2 - O folclore como cultura espontânea - 8 horas.

3 - Conceito e características do fato folclórico. Classificação do fato folclórico - 8 horas.

4 - Métodos e técnicas de pesquisa do folclore - 8 horas.

5 - Literatura oral. Linguagem popular - 8 horas.

6 - Música popular. Atividades lúdicas. Folguedos e danças folclóricas - 8 horas.

7 - Artesanato folclórico. Culinária popular - 8 horas.

Os alunos do curso apresentaram ao final pequena monografia, fruto das

pesquisas bibliográficas realizadas durante metade do curso, e receberam certificado. Foram eles, em ordem alfabética: Ana Amélia Monassa Nassur, Ana Beatriz Santana, Ana Beatriz de Souza Rangel, Ana Paula Vieira Fraga, Antonio Carlos Quinelato, Carlos Eduardo Guimarães, Eduardo Isaías Pignaton, Jaceguay Monteiro Lins, Joelma Consuelo Fonseca e Silva, Jonathan Silva, José Benedito Silva, Gomes, Leda Maria Batista, Luciana de Biase, Luciene Maria Hubner, Lúcia Helena Cogo, Marco Antonio Reis Lima, Nicéia Pereira Máximo, Ronaldo Medeiros da Conceição, Rosemeire da Cruz, Saulo Santa Nunes e Vander Courinho Chagas.

Muitos destes alunos se dedicaram, seriamente, aos estudos da bela ciência do povo, e integram hoje a Comissão Espiritossantense de Folclore.

Está escrito

José Moysés

...E o destino da gente, onde vai parar?

"Nunca se muda o rumo do destino. Como as paixões humanas nunca conseguem mudar as cores do arco-íris, os ventos também não param de soprar para esperar que o tempo faça voltas e passe ou pare onde a gente quer...", escreveu Berredo de Menezes no artigo "Ceciliano Abel de Almeida na entrevista lírica de um sonho", publicada em "Escritos de Vitória".

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança, todo mundo é composto de mudanças, tomando sempre novas qualidades", versou Luís Vaz de Camões nesse belo decassílabo, há mais de cinco séculos passados. E termina: "que não se muda já como soía".

O rumo do destino da gente, nunca se muda a vocação para o bom exercício da medicina. Sem ela, associada à aptidão e à formação moral, pode o indivíduo portar o diploma de uma Faculdade de Medicina, que são 82, em nosso país - pasme Deus! - médico, porém, no verdadeiro sentido da palavra, jamais!

Medicina é o encontro de uma consciência límpida com uma confiança angustiada, definiu

hipócrates. Uma a do médico, a outra a do doente. Equivocam-se os que, nos tempos atuais, julgam ser um salário e um número. O Bem é o alvo dos que praticam a sã medicina, sem o qual a profissão se degrada, se conspurca.

Nesse instante, em que há um recrudescimento da tuberculose em todos as partes do planeta Terra, não podemos esquecer do grande mestre, do batalhador incansável, preste a completar 87 anos de existência, Jayme Santos Neves, toda uma vida dedicada ao combate à terrível doença. Medalha de ouro e diploma como destaque justamente a ele conferidos no Congresso Nacional de Tisiologia e Pneumologia, realizado, em 1980, em Fortaleza. Recentemente, o governador Max de Freitas Mauro houve por bem e por justiça agraciá-lo com a "Comenda Jerônimo Monteiro", a maior condecoração do Estado, pelos imensuráveis serviços prestados à gente capixaba. Tantos títulos e honrarias fazem do professor Jayme o pontífice de nossa pneumologia. No passado, teve o seu nome reverenciado pelo prof. Barros Barreto, chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública, quando da construção do modelar Centro de Saúde de Vitória e do então Sanatório Getúlio Vargas, hoje Hospital das Clínicas, em Maruípe.

Ao prof. Jayme, mestre e amigo,

devemos a primeira e efetiva mudança na estrutura de nossa arcaica Saúde Pública Estadual.

Que dizer do seu trabalho, há quase 65 anos, desde recém-formado, à frente da Liga Espírito-Santense contra a Tuberculose! E sua obstinada campanha antitubagista?

Elmo Elton realçou o seu nome, fora da medicina, como poeta e contista premiado, no seu livro "Poetas do Espírito Santo".

Patrimônio da medicina capixaba, somente por puro capixabismo, por amor à terra natal, Santos Neves não saiu em busca da glória em centros maiores. Agora, no inverno da vida, lembremo-nos de seu nome, ao menos numa prece de gratidão e reconhecimento.

Affonso Bianco - saudades, mestre - Jayme Santos Neves e Jolindo Martins - a tríade sobre a qual se sedimentou a grandeza da medicina capixaba, em passado bem recente, se edificou a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo! Vocação sublimada!

Três predestinados ao serviço da Medicina e do Ensino Médico no Espírito Santo.

Sobre mulas e burros



Lembro-me como ficava admirado ao ouvir dizer que o sr. Joaquim Rolas, o homem do cassino da Urca e da Quitandinha, tinha sido tropeiro em Minas. Eu achava um milagre que homem tão pobre e rude conseguisse os favores especiais do ditador Vargas em plena guerra, enriquecendo com a tavolagem de luxo, até que o general Dutra deu um golpe seco fechando os cassinos, num tempo em que os generais, não sei se bem ou mal, se preocupavam com essas coisas. Golpe de surpresa, porque o brigadeiro Eduardo Gomes é que anunciara ser contra o jogo.

A palavra "tropeiro" me enganava, porque eu via sempre um sujeito a pé, com um relho na mão, a tocar umas bestas com suas cangalhas.

A palavra é, na verdade, muito elástica, e tanto pode significar o pobre almocreve como o rico arreiro, dono de tropa ou de tropas, uma espécie de empreiteiro de transportes, a ponto de Sérgio Buarque de Holanda, falando das

feiras de Sorocaba, dizer: "Há na figura do tropeiro paulista... uma dignidade sobrando e senhoril..."

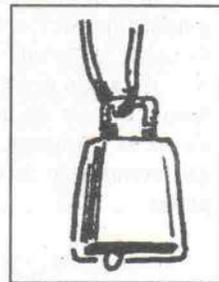
Estou escrevendo para recomendar ao leitor o livro **Por serras e Vales do Espírito Santo**, de Ormando Moraes, edição do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, com o subtítulo de **A Epopéia das Tropas e dos Tropeiros**.

É um livro simples, ameno, mas precioso como reportagem histórica: para fazê-lo, o autor visitou várias cidades do Interior e entrevistou quase cem pessoas.

Só a partir da segunda metade do século passado é que se tornou mais intenso o uso de mueres no Espírito Santo, crescendo principalmente no começo deste século, até os anos 40.

O curioso é que a tropa era sempre constituída de dez animais de carga, às vezes acrescida de um burro de cozinha e cama, para transportar utensílios, agasalhos e alimentos, e de uma madrinha, égua miúda, maninha (que não procriava), cuja função, com um cincerro no pescoço, era manter a tropa reunida nos pousos e paradas. Cada animal tinha sua posição: guia, contraguia, centro (seis animais), contraçoice e coice. O arreiro mais caprichoso queria todos os animais da mesma cor, bem alimentados, bem raspados, crinas cortadas, rabos aparados, e bem ensinados. Eles traziam o café para as cidades e levavam outras mercadorias para a roça. Várias profissões surgiram em torno disso: o muladeiro, o seleiro, o funileiro, o ferreiro, o ferrador de burros, o curandeiro, o proprietário de ranchos e pastos para alugar. O autor mostra a diferença entre o cometa, viajante comercial

que levava amostras de mercadorias para os comerciantes fazerem suas encomendas, e o mascate, geralmente sírio ou libanês (a gente dizia "turco") que vendia diretamente fazendas e miudezas no varejo. Também eles usavam mulas, combinadas às vezes com outros meios de transporte. Acontecia de o viajante comercial se fixar numa cidade, casar, virar comerciante, como



o coronel Ricardo Gonçalves, espanhol de grande inteligência e senso de humor, lá de Cachoeiro.

É de Cachoeiro, também, Antônio Curió, que tinha 101 anos quando o autor o entrevistou. Era ferrador, às vezes ferrava um burro sozinho, dobrando-lhe a perna, cortando-lhe o casco, colocando a ferradura e batendo os cravos. Além disso, tinha outras habilidades: criava e preparava galos de briga, lidava com canários-da-terra e curiós, tinha mais de dez cachorros para caçar paca e um burro ensinado para puxar carroça, chamado marreco. Gostava de voltar para casa de tardinha, atravessando todo o centro da cidade montado em seu cavalinho alazão marchador, chamado Dengoso. Enfim um desses homens que dão vida e graça a uma cidade.

Prefeito Ferracinho: tendo de batizar alguma rua nova ou beco por aí, ponha lá Antônio Leandro de Souza, o curiό, para que a memória de seu nome não se perca.



Bispado do Espírito Santo

J. P. Amorim

O Arceprelado do Espírito Santo foi criado em 15 de dezembro de 1819.

Compreenda toda a região espírito-santense, com exceção da Freguesia de São Miguel de Veada, pertencente ao Bispado de Mariana.

Em 1880, na primeira vista que Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, fez ao Espírito Santo, o advogado Celso Bonfim extraiu do seu relatório o seguinte trecho, publicado na "A Gazeta" de 2 de novembro de 1968:

"Se eu mais cedo me tivesse lembrado da sagração e os trabalhos tivessem andado mais depressa, o ato teria começado mais cedo, e como, e como começou com dia com dia poderia ter findado. Mas tudo foi feito muito bem e com certo aparato, para o que tem jeito o bom Padre Teles. Cantou-se o que o Pontifical manda cantar, e o Evangelho foi no fim cantado pelo cônego Amorim".

Cônego Amorim (continua o Dr. Bonfim) é o conhecido Monsenhor João Pires de Amorim, o grande batalhador pelo progresso religioso do Espírito Santo, cujos esforços devemos principalmente a criação do nosso Bispado e cuja atividade, neste sentido, foi muito bem registrada por Joaquim Pires de Amorim no livro "Um dos Primeiros Habitantes de Cachoeiro" (2ª edição, páginas 28/32).

Com numeroso séquito, Dom Pedro Maria de Lacerda voltou ao Espírito Santo em 1886, trazendo como seu secretário o jovem padre Antônio Alves Ferreira dos Santos, de tradicional família cachoeirense.

Quando a comitiva chegou a povoação de Alto Guandú, escreveu a professora Stela de Novaes - História do Espírito Santo -: Nesse ano, ali este Dom Pedro Maria de Lacerda, que, pelos esforços de Monsenhor João Pires de Amorim, visitava o Espírito Santo Monsenhor Amorim, da Capela Imperial e membro de ilustre família espírito-santense, era justamente considerado, no clero, pelos predicados - inteligência e virtude. Foi vigário geral no Rio de Janeiro.

Em maio de 1894 o "Cachoeirano", noticiava a chegada à Fazenda Mutum de Diogo Pires de Amorim os seus irmãos Monsenhor Amorim e Dr. Emiliano Pires de Amorim, juiz de Direito em Minas Gerais. Depois de repousarem uns dias na referida propriedade rumaram para Vitória.

No "Cachoeirano" de 24/06/1894 lemos: A 17 do corrente seguiram com destino à capital do Estado os srs. reverendo monsenhor João Pires de Amorim, Dr. Emiliano Pires de Amorim, e sua exma. consorte e Diogo Pires de Amorim e uma sua filha.

Constata-nos que o revdm. monsenhor João Pires de Amorim, em sua viagem a Vitória, pretende entender-se com o Sr. Dr. Muniz Freire sobre o estabelecimento de um bispado neste Estado.

Era um grande passo para a criação de nossa diocese. O presidente Muniz que iniciou o seu governo em maio de 1892, mereceu o justo registro do historiador José Teixeira de Oliveira: "Inaugurou-se, com este, uma fase de arrojadas realizações na terra capixaba".

Foram construídos: O primeiro trecho da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo, a Escola Normal, o belo Teatro Melpomene, o Quartel da Polícia, o Hospital de Isolamento na Ilha do Príncipe e o projeto de abastecimento de água do Rio Jucu, tendo até construído uma caixa na Vila Rubim. Para o interior do Estado, promoveu a imigração italiana e fez as rodovias do município da Serra e também de Afonso Cláudio.

Em outubro de 1894, Vitória recebia a honrosa visita de Dom Francisco Rego Maia, bispo de Niterói, clérigo muito dedicado ao nosso Estado.

Fazemos esses registros para não omitir os paladinos da fundação de nosso bispado. Nesse mesmo ano era nomeado arcepreste o padre Eurípedes Calmon Nogueira da Gama Pedrinha, ilustre filho de Riacho. Assumiu a paróquia de Vitória em 27 de janeiro de 1895.

O eminente padre Pedrinha, escritor, poeta, orador, professor e político, era muito chegado ao monsenhor Amorim, fora seu auxiliar no Rio de Janeiro.

A 15 de novembro de 1895, quando se comemorava em todo o Brasil o sexto ano da Proclamação da República, os espirito-santenses com grande contentamento recebiam a notícia da criação de sua diocese. O padre Pedrinha, pelos relevantes serviços era elevado a monsenhor.

Em 9 de fevereiro de 1896, o conceituado órgão da imprensa vitoriense, Comércio do Espírito Santo, deu a seguinte nota: O meu ilustre e prestimoso amigo, o exmo. monsenhor João Pires de Amorim, que com o mais entranhado afeto tem sempre se esforçado pelo progresso religioso e moral da terra espírito-santense, fez-me a comunicação que abaixo transcrevo de "verbo ad verbum" acerca do novo Bispado do Espírito Santo.

Rio, 30 de janeiro de 1895
Prezado monsenhor Eurípedes Pedrinha:
Desejo-lhe o gozo de boa saúde. Graças a Deus está criado o Bispado do Espírito Santo.

O Sr. Arcebispo D. João Esberard, recebeu já a Bula, em a qual marca o prazo de seis meses para tomar-se efetiva a instalação dessa nova diocese, cujos limites são os mesmos do Estado.

Fica portanto incluída a Freguesia de São Miguel do Veado, que atualmente pertence ao Bispado de Mariana.

Queira pois V. Revdm. como filho do Estado e como digno arcepreste e pároco desta capital, receber as jubilosas congratulações que agora dirijo a todos os espírito-santenses, por este tão faustoso acontecimento que, não só honras, mas muitas prosperidades, mesmo materiais, vai levar a esse futuro Estado.

Não sei, nem procuro saber, quem será o novo Bispo, mas desde já declaro a V. Revdm. (autorizando-o a fazer uso desta minha declaração) que nunca aceitei bispado algum, e muito menos esse do Espírito Santo. Faço esta declaração porque não quero que, a vista do interesse que tenho demonstrado na criação desse Bispado, pareça a alguém que trabalhe "pro domo mea", e não faltam pessoas que assim pensam.

Deverá organizar aí uma comissão central e esta nomear comissões parciais para todas as freguesias e comarcas.

Há poucos dias conversando com o Sr. Arcebispo, este autorizou-me a escrever-lhe em nome dele sobre este negócio. Mostrou-me a Bula, na qual o Santo Padre manda que os fiéis concorram para a cônica sustentação do novo Bispo.

Estou certo que V. Revdm. tudo fará para honra e glória do seu Estado na tal, prestando assim relevante serviço à Igreja de Deus.

Disponha do seu colega e amigo
Monsenhor Amorim".

O espírito de renúncia de monsenhor Amorim era notório. Cientificado em 1893, de haver Leão XIII o indicado para bispo de Curitiba, imediatamente escreveu ao Nuncio Apostólico que por motivos de consciência, não aceitava.

Pensamento similar era o do monsenhor Pedrinha. Viajava sempre para o Rio de Janeiro e juntamente com o monsenhor Amorim conferenciavam com o representante da Santa Sé, com o Sr. Bispo de Niterói

e com o Sr. Arcebispo. Entrevistado a 19 de maio de 1896, pelo "Comércio do Espírito Santo", declarou o monsenhor Pedrinha: Dentro de um mês espera-se será nomeado o primeiro prelado da igreja espírito-santense; não tomará porém posse enquanto não houver uma residência episcopal própria e os recursos necessários para as primeiras despesas do Bispado".

Escreveu mais tarde o monsenhor Pedrinha que faltava o patrimônio, condição "sine quanon!". Apesar dos pedidos de Dom Rego Maia e de monsenhor Amorim, relutou a princípio e acabou cedendo por ser grato aos dois amigos.

Como professor da Escola Normal o monsenhor Pedrinha solicitou licença sem vencimento e percorreu todo o Estado angariando fundos.

Felizmente a 8-6-1896, o monsenhor Amorim telegrafava: "Bispo do Espírito Santo, cônego Neri, vigário de Campinas".

Monsenhor Pedrinha na qualidade de arcepreste deu conhecimento as autoridades e à imprensa.

Dom João Batista Neri, chegou a Vitória em 18 de maio de 1897 e tomou posse da Diocese a 23 do mesmo mês. Apesar do curto prazo a frente de nossa igreja e com pouco recurso, fez boa administração.

Transferido em 1901 para Pouso Alegre, teve como substituto Dom Fernando de Souza Monteiro, o primeiro capixaba a alcançar um bispado.

O monsenhor Pedrinha teve ainda brilhante atuação na política. Deputado Estadual em quatro legislaturas consecutivas, de 1898 a 1910, tendo presidido o Congresso Legislativo em 1906.

Logo que se ordenou, veio ao Espírito Santo visitar sua família. No livro "Tímidos Ensaios", da sua autoria, relata a página 446: Pretendia demorar-me ali dois meses apenas e demorei-me quatro, satisfazendo assim a vontade de minha querida mãe. Ao despedir-me do Exmo. Monsenhor Amorim, então vigário capitular, disse-me este: Não se comprometa de modo nenhum a ficar lá pois eu o quero aqui".

Passados que foram três meses, ele me escreveu convidando-me a voltar ao Rio de Janeiro.

Confesso francamente que se não houvesse prometido, não teria coragem de deixar minha família e sobretudo minha mãe, já em adiantada idade.

Nem interesse pecuniário, nem outros quaisquer interesses, a não ser a obediência ao meu legítimo superior teriam força para tão dolorosa separação".

Nessa época (1891), o então padre Pedrinha foi processado por ter realizado um casamento sem a precedência da solenidade civil. Defendido brilhantemente pelo Dr. Afonso Cláudio, o processo ficou sem efeito.

O monsenhor Amorim tendo-se entendido como o ministro Lucena, telegrafou-lhe: "Diário Oficial publicou hoje aviso governo, dizendo casamento religioso pode ser antes do civil".

Escreveu o monsenhor Pedrinha que esta foi a única luta sustentada por ele na terra capixaba, tão gloriosa que recebeu muitas felicitações de Dom José Barros e de Dom João Esberardi.

Monsenhor Amorim, que era presidente do Cabido Metropolitano faleceu no Rio de Janeiro a 13 de junho de 1914 e Monsenhor Pedrinha a 11 de fevereiro de 1919.

Um ano de muita história

O Instituto Histórico e Geográfico de Cachoeiro de Itapemirim (IHGCI) completou um ano de existência no último dia 3. Para comemorar a data, houve uma reunião especial com os membros efetivos no Centro Operário e de Proteção Mútua.

No evento, ocorreu um ciclo de palestras proferida pelos consórcios Paulo Herkenhof, sobre a fundação do Instituto, Athayr Cagnin, a poesia e a geografia, e ainda exibição de slides de assuntos ferroviários. A reunião contou com a presença da primeira dama Márcia Brezinski,

secretário de Educação David Lóss, jornalista e membro da Academia Cachoeirense de Letras Esteleamar Martins e pessoas da comunidade.

O presidente da entidade, professor Manoel Maciel, aproveitou a oportunidade e anunciou a criação do hino e bandeira do IHGCI, de um órgão auxiliar para defesa do patrimônio históri-

co do município e também da medalha Antônio Marins que irá agradecer pessoas de destaque na cultura cachoeirense.

Objetivos

O IHGCI foi criado a partir da dissolução do núcleo sul do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo localizado em Vitória. "O núcleo sul funcionou por dois anos mas não deu certo, por isso resolvemos criar nosso próprio instituto, que tem 25 sócios-fundadores, totalmente autônomo", frisou o professor Maciel.

O objetivo da entidade, segundo seus diretores, é o de promover o estudo da história, geografia, ciências afins e incentivar a cultura em geral no município. As atividades que desenvolve abrangem cursos, concursos e palestras, além das reuniões realizadas todas primeiras quartas-feiras do mês. Inclusive o IHGCI está com inscrições abertas até o dia 31 de julho para o 3º Concurso de Fotos e Monografias, sendo que a premiação será entregue em 3 de outubro. Conforme dis-

se o presidente do Instituto, Manoel Maciel, os projetos futuros incluem conseguir com a prefeitura a sede própria e depois formar uma biblioteca e um pequeno museu com o material já disponível.

O fundamental do IHGCI, de acordo com o secretário geral, Paulo Herkenhof, é que desperta os escritores para a importância da história e entre os estudantes, o gosto pelas coisas e gente de Cachoeiro. O vereador Hígnor Mansur, membro da entidade, disse que "é essencial que a história seja sempre discutida para com isso aprender mais e consequentemente errar menos". A professora e escritora Ariette Moulin, também sócia-fundadora, quando indagada sobre a importância do Instituto respondeu: "A entidade não só resgata a cultura de Cachoeiro, como a preserva para as futuras gerações".

Transcrito da "Folha Solta" - C. do Itapemirim - 19 a 26/07/96

Colégio de Muqui, parabéns!

Amanhã, 8 de julho, o Colégio de Muqui completa 63 anos de fundação. Ele já recebeu vários nomes nessa trajetória: Colégio Monsenhor Elias Tommasi, Colégio Carlos Lindenbergl, Colégio Municipal, Colégio Estadual de Muqui e Escola Normal Avides Fraga, Colégio Polivalente.

O Colégio de Muqui transformou-se num colégio de tradição nacional, recebendo alunos de várias partes do País, sendo comparado ao antigo Liceu e ao Colégio Pedro II, ambos do Rio de Janeiro.

O colégio é daquele tempo em que estudar em escola pública era motivo de muito orgulho. Hoje, infelizmente, por descaso de nossos governantes, assistimos ao desmantelamento do eficiente ensino público de outrora, favorecendo o crescimento desenfreado do ensino pago.

Hoje, médico e chefe de família, membro efetivo de uma das mais respeitadas instituições culturais de nosso Estado, o IHGES, sinto-me orgulhoso de ter frequentado os bancos escolares do Colégio de Muqui, e gostaria muito que minhas filhas tivessem tido a educação que lá tive.

Meus mestres, que jamais esqueci, pelos seus exemplos de dedicação ao magistério e amizade dos alunos, infundiram-me respeito ao educador e exemplo de cidadania.

O ex-ministro do TST, José Carlos da Fonseca disse certa vez: "O tempo é

implacável, e vai aos poucos apagando com a borracha dos anos as lembranças da gente". Confesso, sinceramente, que isto não ocorreu comigo. As lembranças de minha adolescência, passada na cidade de Muqui e nos bancos escolares do colégio, continuam vivas em minha memória.

Não esqueci os nomes daqueles queridos mestres: Olinto Berilli, Ciro Lethière, Humberto Capai, Edson Martins de Oliveira, David Martins, Jovina N. da Silva, Nely Tedoldi, Maria da Glória Lobato, profª Bernardes, e tantos outros que o espaço não dá para citar, senão ocuparia toda esta crônica.

São e foram mestres dedicados que lecionavam no colégio. Eram competentes na magia e sublime arte de ensinar. Com eles adquiri a base secular, que mais tarde me aprovou no vestibular da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, e, futuramente, na Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, onde me graduei.

O Colégio de Muqui foi fundado em 1933, num prédio que já não existe, onde morou o ex-senador Dirceu Cardoso, que foi diretor do colégio, e um dos maiores educadores deste País.

Seu fundador foi o profª Lavaquiel Biosca, e seu primeiro diretor foi o profª Anibal Perlingeiro. O colégio foi reconhecido pelo governo federal em 8 de julho de 1933, sendo denominado "Gymnasio Municipal de Muqui". Em 9 de novembro de 1935 foi criada a Escola Normal Avides

Windsor Calmon Fernandes

Fraga, pelo Decreto Federal nº 6941.

Em 1935, assume a direção do Colégio o jovem educador, cheio de ideais, dr. Dirceu Cardoso, o qual impulsionou o colégio para o reconhecimento nacional. Nesta ocasião fundado o Grêmio Euclides da Cunha, cujo hino cantei muitas vezes nas sessões de grêmio, de autoria do dr. Sena Campos: "Vibra Clarim. Rufa tambor! Nossa alma impávida se inflama. Eia! Partamos sem temor... A pátria mãe seus filhos chama. Avante, pois somos herdeiros... de quatro séculos de combate. E o sangue hostil, de avós guerreiros... nos corações toca... rebate! Vibra clarim! Rufa tambor!" Quando o cantávamos, a emoção vinha do coração aos olhos.

O Colégio de Muqui sediou a primeira olimpíada escolar do interior, sendo campeão absoluto, sendo que o troféu continua no colégio, para orgulho de seus ex e atuais alunos.

Por seus bancos escolares já passaram alunos que hoje são cidadãos respeitáveis, de projeção no Estado e no País.

Nós, brasileiros, precisamos cultivar o apreço à memória, e o Colégio de Muqui nos deixa orgulhosos. Parabéns, por mais um aniversário!

Windsor Calmon Fernandes é médico e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico.

Transcrito de A Tribuna - 07/07/96

UFOLOGIA



MARCOS TAVARES

Em relação à carta do leitor Alexandre Fonseca de Mello (Curitiba-PR), publicada, sob o título OVNI, em (A GAZETA, ES, 15/07/1996), tenho a dizer que existe uma efetiva política de encobertamento, por parte dos governos, posta em prática quando há ocorrência de ostensiva aparição de **objetos voadores não-identificados** (OVNI) ou mesmo de entidades extraplanetárias. Embora assim, grande parcela da população terrestre acredita na existência de vida inteligente além de nossa biosfera. Isso deve-se tanto ao cada vez maior números de contatos (de vários graus) quanto à incontável quantidade de avistamentos de naves tripuladas ou não cujas capacidades desafiam nosso conhecimento científico. Mas, conforme lemos em Eclesiastes, "não há nada de novo sob o Sol" : textos sumérios (Épico de Gilgamesh), hindus (Mahabharata, Sataphata Brahmana, Rig-Vedas), egípcios (Livro dos Mortos, Textos das Pirâmides), hebraico-aramaicos (Antigo Testamento), gregos (Ilíada, Teogonia, Odes de Píndaro), todos antiquíssimos, aludem a entidades então consideradas sagradas, divinas, ou mitológicas.

Não bastasse esse vasto acervo literário, renomados cientistas das mais diversas áreas de atuação já admitem publicamente tais fenômenos denominados **ufológicos**, ainda que à revelia de desmentidos oficiais e contra-informações militares, haja vista o caso de Roswell (EUA) e o recente de Varginha (MG). Essa atitude de ocultamento, a pretexto de manutenção da segurança pública, torna-se altamente justificável e compreensível, uma vez que, considerado o imprevisível comportamento dos humanos, visa impedir incontrolláveis estados de pânico e de desobediência civil, gerados,

sobretudo, pelo aprofundamento de crises de cunho religioso, filosófico-moral, enfim, de aspecto existencial.

De fato, a miséria material a que alguns terráqueos estão submetidos, tal como se refere o missivista mencionado, deve-se, sim, ao desamparo não só por parte do Estado enquanto instituto criado para o bem-estar coletivo, mas também pela falta de solidariedade de nós mesmos, indivíduos, para com o nosso próximo ali na esquina. Meros mortais, na insana corrida em busca de uma destacada posição sócio-econômica que nos permita olvidar a transitoriedade da vida, mal observamos o mistério vindo de outras dimensões do espaço cósmico. E tem demonstrado a História que nem o capitalismo selvagem, liberal e neo-liberal, nem o socialismo tirânico, stalinista e estatizante, não conseguiram restaurar a dignidade do ser humano. Já entidades extraterrenas (Ashtar Sheran, por exemplo), sempre revelando evoluída inteligência, em comunicação com humanos lamentam igualmente a nossa miséria material e espiritual e, sem nada exigir em troca, voluntários, colocam-se a serviço da preservação de nossas espécies, zelando pela manutenção das condições que continuem fazendo habitável o nosso tão dilapidado planeta Terra. Estes seres, superiores, dotados de poderes ultra sensoriais, acaso se interessassem em expansão colonialista, poderiam nos dominar sem qualquer aparato bélico, mas apenas por indução telepática.

Não se pode, no entanto, ignorar os alienígenas indiferentes a nós, eventualmente flagrados a fazer prospecção no solo ou em reservatórios de água, numa sondagem com ignorados objetivos. Nem tampouco pode-se aqui omitir os tipos **nefastos**, também de origem intergaláctica ou extradimensional, que, para diversos fins (inclusive

manipulação genética), vêm promovendo raptos (abduções), às vezes só detectáveis por meio de hipnose regressiva, deixando com visíveis sequelas as suas vítimas, submetidas que são aos mais estranhos exames. De um fato, porém, não tenhais dúvida : não estamos sós no Universo. Sempre é bom recordar Shakespeare: + "Entre o céu e a terra há mais mistérios do que supõe a vã filosofia". Hoje, mais do que nunca, tornou-se real o "ver e ouvir estrelas", como disse Bilac.

Imaginar que a Terra seja o único planeta com vida intelectual na vastidão infinita do Universo é, pois, subestimar a incomensurável grandeza de Deus - Arquitecto Superior.

O autor, escritor capixaba, residente em Dores do Rio Preto (ES), não possui vínculo com nenhuma corporação mística ou grupo religioso.

À Mulher

*Que fragilidade
alguns pensam assim
mas quando na verdade
possui uma força sem fim.*

*Mulher Mãe Natureza,
que Deus determinou
seria mãe de Jesus
e quando ainda na cruz
Maria a seus pés chorou
com toda dor que seu peito
trespassou, mesmo assim*

*ela tudo suportou
mulher que o mundo respeita
ái de nós se não fosse ela
que seria de nós
ái daquele que a rejeita
mulher sempre bonita
sempre bela.*

Tacy Cabral Zardini

PROGRAMAÇÃO PARA O 2º SEMESTRE DE 1996

As reuniões serão realizadas na Sede Social, sempre às 16 horas.

AGOSTO

- 7 - Reunião da Diretoria, aberta aos sócios (RD-AS)
- 14 - RD-AS
- 21 - RD-AS - Lançamento do Boletim Informativo nº 5 - Comemoração do Dia do Folclore
- 28 - RD-AS

SETEMBRO

- 4 - Seminário sobre Vitória, sua geografia - Coordenação Ricardo Brunow
- 11 - Seminário sobre Vitória, sua história - Coordenação Ormando de Moraes
- 18 - RD-AS
- 25 - Palestra de Mário Bonzano sobre 50 anos da nova República Italiana

OUTUBRO

- 9 - Seminário sobre recursos florestais e hídricos - Coordenação Armando Marques Vieira
- 16 - Reunião da Diretoria - Inauguração, na Galeria de Ex-Presidentes, do retrato do Presidente de Honra Ormando de Moraes
- 23 - RD-AS
- 30 - Palestra de Willis de Farias sobre Meio ambiente vitoriense

NOVEMBRO

- 6, 7 e 8 - Jornada das Navegações.
Início das comemorações do IV Centenário da morte do Pe. José de Anchieta.
Palestras: Professor Dr. José Sebastião Witter, Carlos Nejar e Renato Pacheco
- 13 - RD-AS
- 20 - Lançamento da Revista, nº 47 e dois Cadernos
- 27 - RD-AS

DEZEMBRO

- 4 - RD-AS
- 11 - Almoço semestral de confraternização. Início do recesso natalino.